

## **NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS CONEXÕES NA ESCOLA E NA VIDA**

*Ana Paula dos Santos Rivaroli*

*Roselaine Machado Albernaz*

### **Introdução**

Esta pesquisa propõe-se a realizar algumas experimentações em sala de aula através de rodas de conversas. A intenção é problematizar os modos de vida que levamos na contemporaneidade no que diz respeito à relação homem e natureza a partir do conceito de *ecosofia*. Tem como objetivos desenvolver ações que possam promover algumas rupturas nas maneiras de viver e se relacionar com a natureza, reinventando nosso pertencimento ao cosmos. Essa proposta já passou pela análise da banca de qualificação e encontra-se em processo de realização.

Vivemos grandes desafios na vida contemporânea. Estamos sempre em constantes mudanças. Tudo passa muito rápido. Temos pouco tempo para viver outras experiências. Somos, de certa forma, controlados por um mercado que dita o que deve ser interessante para as pessoas e para a sociedade em geral.

Paralelo a esse mercado e aos avanços tecnocientíficos, para suprir as “necessidades” da sociedade, a natureza está sendo devastada. Em um curto período de tempo, desde a primeira Revolução Industrial, houve uma intensificação na destruição de áreas de florestas e na poluição das águas, dos solos e do ar. Essa devastação também é vista nas relações humanas e na própria relação consigo mesmo. A cada dia, parece que menos tempo temos para as relações entre os corpos tão apressados das urbes. Neste processo, acabamos nos distanciando da natureza. Mas nós também somos parte dela.

Pensarmos na nossa relação com a natureza talvez seja uma questão importante para, quem sabe, construirmos dentro de cada um de nós uma nova maneira de viver. Sentirmos que somos parte desse cosmos como um dos variados tipos de vida, talvez mude nossa maneira de pensar e de estar no mundo. Assim, as perguntas que norteiam esta pesquisa são: Como pensamos e sentimos nossa relação e atuação na natureza, na sociedade e conosco? Como se

dá essa relação entre homem e natureza na contemporaneidade? Para um entendimento melhor dessa problemática, faz-se necessário trazeremos um pouco da história.

### **A relação homem e natureza: do uno ao múltiplo**

A questão ambiental já passou por várias fases no desenvolvimento histórico. Contudo, é a partir da Modernidade e suas diferentes experiências que constituíram as compreensões das relações dos homens com o mundo natural que podem nos ajudar nesse entendimento.

O modernismo foi marcado pelo surgimento do pensamento dual: o belo ou o feio, o bom ou o mal, o homem ou a natureza. No século XVIII, surgiram as Ciências. René Descartes, filósofo e matemático da época, acreditava que só era possível se desapegar dos dogmas da igreja através da razão e por meio de um método pelo qual fossem alçadas ideias claras e distintas<sup>1</sup>. Foi assim que ele criou o método científico. A Ciência iria, cada vez mais, ser colocada a serviço da modificação da natureza.<sup>2</sup>

Pois elas [noções gerais relativas à física] me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.<sup>3</sup>

Essa visão antropocêntrica, que ainda permanece nos dias atuais, configura-se na ideia de que o universo deve ser avaliado e explorado de acordo com a sua relação com o homem, sendo que as demais espécies existem para servi-los.

Mas, também, foi a partir da Revolução Industrial, século XVIII, que a natureza passou a ser preservada. O ambiente passou a ser algo belo e bom. Foi nesse período que se começou a perceber a vasta destruição do ambiente e que as atividades exploratórias estavam

---

<sup>1</sup>ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

<sup>2</sup>Idem, p.291

<sup>3</sup>Discurso do método VI (citado por ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma nova perspectiva histórica**. Garamond, Rio de Janeiro, 2012, p.203.)

modificando a qualidade de vida da população.<sup>4</sup> É no século XVIII, na Inglaterra, que teve início uma mudança importante na percepção do mundo natural. Isabel Carvalho trata o fenômeno das “novas sensibilidades”, estudado por Thomas (1989)<sup>5</sup>, como sendo um traço cultural ligado ao ambiente social inglês deste período, à medida que se evidenciaram os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida das cidades.

Percebe-se que até hoje essas questões do belo e da natureza boa estão impregnadas em nossos discursos. Tal cultura foi fortalecida com o Movimento Romântico europeu do século XIX e ainda permanece.

No início da década de 70 do século XX, surgiu uma novidade que é a *ecologia profunda*<sup>6</sup>, a visão “ecocêntrica”, que não separa os seres humanos ou qualquer outra coisa do ambiente natural. Vê-se o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes. Essa linha da filosofia ecológica apresenta um sistema de valores centrados na natureza, em oposição ao antropocentrismo. Pode-se dizer que já é um começo de um pensamento diferente do cartesiano.

Alguns teóricos, como Deleuze e Guattari, questionam o método científico alicerçado no pensamento cartesiano por ser um modelo dual. Eles chegam a escrever sobre a possibilidade de um “antimétodo”<sup>7</sup>, uma verdadeira crítica ao método científico. Assim, a proposta desses filósofos é de criar um pensamento múltiplo, inventivo, que tenta dar conta das incertezas da vida na contemporaneidade, não no sentido de resolvê-las, mas de problematizá-las.

## **ECOSOFIA: uma sabedoria ecológica**

Félix Guattari alerta sobre os modos de vida na contemporaneidade e afirma que a destruição não ocorre somente no meio físico, mas também nas relações humanas e na relação consigo. Para o filósofo, o individualismo e a fraqueza das relações não deixam de ser problemáticas ecológicas. Guattari, por sua vez, defende que só uma articulação político-

---

<sup>4</sup>CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

<sup>5</sup> Idem. 2008.

<sup>6</sup> CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

estética – o que ele chama de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos é que poderia ajudar a esclarecer as questões que ameaçam nossas sociedades<sup>8</sup>. Os três registros ecológicos que compõem a *ecosofia* são: a ecologia ambiental, relacionada ao equilíbrio ambiental do meio físico; a ecologia social, relacionada aos modos de vida na sociedade e a ecologia mental, que se refere à subjetividade individual e coletiva. Reconhecer essa articulação entre os saberes torna-se uma possibilidade de buscar novos modos de nos relacionarmos com o meio em que vivemos, com os outros indivíduos e conosco.

### **CARTOGRAFANDO: na escola e na vida**

A escolha foi pelo método cartográfico. Uma das propostas desta cartografia é reinventar nosso pertencimento ao Cosmos, à natureza, a partir da perspectiva ecosófica de Félix Guattari. Outras questões são: como estabelecer relações com o Cosmos, com a vida, em um mundo que se degrada a cada instante? Como mudar a forma de pensar a natureza a partir de práticas no cotidiano escolar? A ideia é trazer essa problemática para o contexto escolar e para a vida dos alunos. Pretende-se, portanto, realizar algumas práticas que chamamos de “rodas de conversa” na tentativa de desenvolver as três ecologias.

A cartografia é uma tessitura de redes. Surge como um princípio de rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática<sup>9</sup>. Não podemos selecionar previamente as forças que se atravessam no percurso. Assim, a aposta será de acompanhar os caminhos e as conexões que vão acontecendo em sala de aula. Para auxiliar, serão utilizadas algumas pistas do método cartográfico, como a processualidade relacionada ao acompanhamento de percursos e a atenção referente a uma concentração sem focalização, mas no sentido de estar à espreita e de abrir-se ao encontro<sup>10</sup>. Para Kastrup, “as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p. 8.

<sup>9</sup> PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

<sup>10</sup> PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

<sup>11</sup> Idem, 2009, p.13.

A cartografia já está sendo realizada em uma escola pública, onde a pesquisadora trabalha. Os encontros, na forma de rodas de conversa, ainda não aconteceram, mas percebemos que algumas experiências em sala de aula já estão proporcionando um novo modo de pensar nos alunos. Uma delas foi um trabalho sobre o impacto causado pelo rompimento da Barragem de Fundão (MG). Assim, no dia a dia da sala de aula, já é possível afirmar que alguns discursos dos alunos sobre suas relações com a natureza geralmente possuem traços antropocêntricos. Pode-se perceber que eles possuem dificuldades no entendimento das três ecologias articuladas. A ideia é, portanto, trabalhar com essas questões nas rodas de conversas e, na medida do possível, desenvolver as três ecologias.

Para dar início a cada roda de conversa serão utilizados artefatos relacionados ao tema proposto. Estes artefatos se distribuem como: filmes, poesias e imagens para que os alunos possam criar um novo pensamento que atente às três ecologias articuladas em suas ações. Serão utilizados nessas experimentações: o 1º episódio da série americana de documentário científico *Cosmos: uma odisséia do espaço-tempo*, o filme *Avatar* e a poesia de Manoel de Barros. Também, serão usados recursos como fotografar, filmar, gravar, ou seja, cartografar os movimentos das interações realizadas. Em alguns momentos, os alunos também serão convidados a realizar escritas sobre seus pensamentos e suas sensações frente às conversas que surgirão.

Espera-se que os alunos possam estabelecer outras relações com a natureza a partir das experimentações realizadas, afetando os seus modos de vida.

## REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas:** as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

CAMERON, James; LANDAU, Jon. **AVATAR.** Direção: James Cameron, Produção de James Cameron e Jon Landau. Roteiro: James Cameron. EUA: Twentieth Century-Fox Film Corporation, Lightstorm Entertainment, Giant Studios, video (162 min.). 2009. DVD.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida.** São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental:** a formação do sujeito ecológico. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 02 de nov. 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

MACFARLANE, Seth; DRUYAN, Ann. **COSMOS**: A space time odyssey. Direção: Ann druyan, Bill Pope, Brannon Braga. Produção: Ann Druyan, Seth MacFarlane. EUA: Cosmos Studios Fuzzy Door Productions, video (44 min). DVD.

PASSOS. E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.